

Poemas de Francisco Carvalho

RETRATO

Hoje sou a borboleta na gravata do morto
as rosas desbotadas do velório
as garatujas dos epitáfios
escritas pelos canivetes dos bêbados.

Hoje sou o que morreu no exílio
a mortalha dilacerada pelas corujas
a ferida que não cicatriza
a verruga esparramada na ponta do nariz.

Hoje sou o deserdado do albergue
o fantasma das escadarias dum teatro de ópera
o que adormece à sombra dos ciprestes
onde os corvos despejam seus ovos de lagarto.

Hoje sou a corda do enforcado
que teve a memória comida pelos cachorros
os chacais e as aves de rapina.
Hoje sou o esqueleto da gravata do morto.

CONVERSA COM DRUMMOND

A ode mais límpida
não se escreve no mármore.
Na espuma do mar
ou no tronco da árvore.
Não é a que se faz
para Marília ou Bárbara.
Para o rei dos hunos
ou para o rei dos bárbaros.
A ode mais límpida
não se aprende nas ágoras.
— É a que se escreve sem versos
e sem metáforas.

VERSOS AO PAI

Volto ao menino sombrio que segurava
o teu braço pelas ruas de uma cidade vazia
onde só a manada dos ventos dialogava
com as aldravas que restaram de antigos invernos
e ríspidos estios de pássaros e nuvens
que se acasalavam no ar.

— E a morte já se desenhava em teu corpo com
seus labirintos de sombra e seu cheiro
de matéria que apodrece aos olhos de peixes
e fantasmagorias dançarinas.

A morte, essa grandeza tenebrosa
com sua grinalda de espinhos
na cabeça profanada de um deus. A morte
era algo áspero como o clamor
de uma roda rebelde à dinâmica do eixo.
Uma roda à deriva dos raios
e dos rios em que nos afogamos todos os dias.

Tu sabias onde repousar as mãos
fustigadas pelas tenazes do imponderável.
As veredas intermináveis das pedras
frias e das belezas imóveis.
Ah, tu sabias que as sementeiras da alma
florescem no húmus da morte.

COM PERMISSÃO DE CAMÕES

Para Sânzio de Azevedo

Seduzido por Raquel
foi Jacó, pastor de ovelhas.
Mas, ao cabo de sete anos,
Labão confessa às estrelas
que vai mudar os seus planos.

Em vez da bela pastora,
que ofuscava a luz do dia,
Labão entrega a Jacó,
pelas caladas da noite,
a herdeira chamada Lia.

Jacó pondera a si mesmo
que há sete anos pastoreia.
Mas o destino, esse bruxo,
troca a pastora mais bela
pela pastora mais feia.

Não tendo a posse daquela
que exala a essência murta,
pergunta aos raios da estrela
se tanto amor vale a pena
para uma vida tão curta.

PASTORAL

Para Laíre Dutra

Flautas e cordas dos gregos
tocam sonatas de Mozart
para ovelhas e borregos.

Vindos de um bosque de amoras
ou do aroma das adegas,
deuses cochilam nas ágoras.

Nas tardes de vinho efêmero,
cabras pastam nas colinas
hexâmetros de Homero.

SONETO DA MORTE ANUNCIADA

Pelo vento que sopra das janelas,
sei que o anjo da morte se aproxima
dos leitos irrigados de morfina,
num cavalo de crinas amarelas.

Sei que os gatos se afogam nas tigelas
e o amor esconde ausências na retina.
Sei que o mistério espreita numa esquina
pelo vento que sopra das janelas.

Sei que um pássaro repousa na cornija
de uma igreja esquecida da colina,
numa tarde de nuvens amarelas.

Sei que à noite os cavalos da neblina
são fantasmas expulsos da quadriga
pelo vento que sopra das janelas.

A CHUVA E A PEDRA

O sol assoma ao pórtico
de ouro do dia breve
ao som da chuva na pedra.
O sangue da amada jorra
das negras veias da terra
ao som da chuva na pedra.
O adeus do morto adeja.
Desfaz-se a argila da esfera
ao som da chuva na pedra.

A morte cavalga o corpo
por dentro da estratosfera
ao som da chuva na pedra.

Nada que enfeita o vazio.
Tudo se acaba ou começa
ao som da chuva na pedra.

CANÇÃO MUTANTE

Somos todos mutantes
como o vento e a água
o desenho das nuvens
e a luz branca dos rios.

Somos todos mutantes
como as rotas dos pássaros
a plumagem das estrelas
e a bússola dos navios.

Somos todos mutantes
como as sombras das árvores
os mananciais do vento
e os vestígios da morte.

Somos todos mutantes
como os rios da lua
a carruagem dos dias
e o som da chuva na pedra.